Lá estava ela sentada no mesmo lugar onde sempre se sentava àquela hora havia quinze anos.

"Qual é o sentido disto tudo?" Perguntava-se e não encontrava resposta.

Todas aquelas imagens vinham-lhe a mente, como se tivessem acabado de acontecer.

*****

Era inicio de tarde e chovia à cântaros. Avó Rapoi, uma senhora franzina, de sessenta e poucos anos, mordia nervosamente os lábios enquanto andava de um lado para o outro da casa, preocupada em encontrar baldes e bacias para colocar sobre as goteiras. É que dentro da sua casa chovia quase tanto como lá fora.

Onde estaria a sua neta Manuela com aquela chuva. Tinha lhe mandado comprar pão havia três horas atrás, e até então nada de Manuela voltar. A sua neta caçula, era a que mais problemas lhe trazia, sempre metida em sarilhos.

Manuela era alegre e faladora. Sempre com pressa de fazer coisas fora de casa e sempre a reclamar das tarefas domésticas. Porque tinha que ser ela a fazer? Não havia mais ninguém? Tinha sempre pessoas à espera lá fora, no portão ou na esquina. De uma simpatia contagiante, sempre tinha alguma história para contar, que nunca chegava ao fim por conta de algo urgente que tinha para fazer na rua.

Sentia tudo a flor da pele,e se alguém lhe contasse que foi agredido por outra pessoa, estava pronta para ir lutar ou discutar no lugar dela. Não levava desaforro para casa, e nem deixava que ninguém levasse.

O som das gotas de chuva a baterem na cobertura de zinco e a pingarem do tecto para os baldes e bacias espalhadas pela casa, serviam de fundo aos pensamentos da velha senhora, agora parada à janela da cozinha, tentando desvendar a imagem da sua neta no meio da chuva.

A sua casa de alvenaria era a mais alta da rua, o que lhe permitia ver o topo de todas as outras e a rua que passava em frente, do início ao fim. Tinha uma estrutura forte de cimento que contrastava com os zincos enferrujados e furados que serviam de vedação do quintal e cobertura da casa. No quintal dois limoeiros e uma frondosa amendoeira davam as boas vindas a quem entrasse. O portão de madeira, cansado e empenado servia mais para anunciar a entrada de alguém, do que para protecção, e uma dezena de galinhas indicavam o caminho para a porta principal da casa.

Mas em vez de Manuela, avistou Cristina, tentando correr na chuva com a pasta escolar na cabeça para lhe proteger. A rua tinha virado um rio de lama e água, o que lhe fez pensar se a neta tentava correr ou equilibrar-se na corrente do rio e se a pasta na cabeça era mesmo para lhe proteger ou equilibrar-lhe.

Depois de entrar e se livrar das roupas encharcadas, foi ter com a avó na cozinha.

- Mandei a Manuela comprar pão há três horas e até agora não voltou! – contou-lhe a avó, mal ela entrou.

- Ela deve ter passado pela casa da tia Bia que é mesmo ao lado da Padaria. Vóvo sabe como ela se dá bem com as filhas da tia – disse Cristina sem saber o que mais dizer para defender a irmã e acalmar a avó.

- Sim Cristina. Ela sempre faz isso, não sei porque continuo a preocupar-me – respondeu ela, começando já a relaxar, depois de ter visto Manuela à caminho de casa.

Avó Rapoi sentou a pensar nas netas. Como era possível irmãs que receberam a mesma educação serem tão diferentes?

Cristina era respeitosa, educada e prestativa. Sempre disponível a ajudar-lhe naquilo que precisasse, e que não precisasse também. Sem muito interesse pelo que se passava na rua, praticamente só saía de casa para ir à escola,à catequese ou ao mercado.

De vez em quando ela própria tinha que insistir para que a neta saísse para se divertir. Era bastante reservada e simultaneamente bem disposta. Aliás, a boa disposição era a única coisa que tinha em comum com Manuela.

Manuela entrou, abrindo ruidosamente a porta.

- Hiii... vovó viu do jeito que estava chover?! Parei em casa da tia Bia à espera que diminuisse – Manuela falava enquanto tirava a roupa molhada, como se alguèm lhe tivesse perguntado algo. – Se eu tivesse voltado àquela hora mesmo o pão estaria molhado.

- Está bem. Agora vai tomar banho para ir à escola – ordenou a avó.

- Escola? Com essa chuva toda? Não vai dar. Cadernos vão molhar e estragar-se só. E depois... constipação connosco – Manuela falava e gesticulava, como se palavras não fossem suficientes para demostrar o que ela queria dizer.

A avó calou-se. Sabia que não adiantava nada insistir. Pelo menos desta vez não iria fingir ir à escola para zanzar por aí. Ficaria em casa debaixo do olho dela.

Algum tempo depois ouviu vozes alteradas vindas do quarto. "Pronto, já começaram! É sempre assim quando Rebeca e Manuela se encontram. Confusão!!!"

Rebeca era a mais velha das três netas. E era o oposto de Manuela, em tudo. De pouca conversa, fechada em si própria, de poucas amizades e muito dedicada à escola. Assim como Cristina era obediente, mas das tarefas domésticas só fazia aquilo que não conseguia transferir para as irmãs, principalmente para Cristina. Gostava de ajudar, mas só o fazia se fosse solicitada, nunca se oferecia voluntariamente para fazer nada por ninguém. Gostava de arrumação e queria que as coisas acontecessem no tempo dela, e não quando os outros achassem.

- I mhaka munêêê? – gritou pela porta da cozinha, querendo saber o que tinha causado a altercação. A composição da casa assemelhava-se à vagões de comboio: no primeiro vagão a sala, compartimento

mais amplo da casa, com duas enormes janelas de vidro que davam para rua principal, cobertas por um par de cortinas vermelhas e floridas. Sob o chão de cimento coberto de cera vermelhas, sofás de napa verde abacate, rodeavam a mesinha de centro feita de madeira e enfeitada com revistas antigas e lista telefónica.

No vagão seguinte o corredor com o quarto a direita e outro à esquerda, e por fim, o útimo vagão, com a cozinha e a casa de banho, uma de frente para outra. As paredes eram de contraplacado, pelo que qualquer tom mais alto num dos compartimentos poderia ser ouvido nos restantes.

- Esta Manuela é que só sabe desarrumar... tirou a roupa molhada e deixou em cima da cama –

queixou-se Rebeca. – Custa-lhe fazer coisas que nós os normais

fazemos? Vai lá pôr essa roupa a secar.

– ordenou irritada.

- Se ser normal é ser como tu, não preciso… – respondeu Manuela – E já agora, como é que voces normais fazem a roupa secar no meio da chuva? – provocou Manuela rindo as gargalhadas.

Rebeca roía as unhas nervosamente, sem conseguir pensar numa resposta à altura para a irmã.

- Deixa de ser palhaça e tira as roupas de cima da cama. Vamos dormir todas aqui. Quando tiveres um quarto só teu vais fazer essas porcalhices – ordenou a mais velha.

- Antes ser palhaça do que uma grande chata como tu. – resmungou Manuela, enquanto recolhia as roupas molhas.

- Heee Manuela, pára de ser malcriada. – gritou a avó.

- Estou a tirar as roupas mas não penses que é porque mandaste – murmurou Manuela enquanto passava por Rebeca e lhe empurrava propositadamente com o ombro. Depois gritou para todas ouvirem – e estou a sair, vou para onde gostam da minha preseça, já que aqui só incomodo.

Todas sabiam que era só mais um pretexto para sair, por isso não se preocuparam com as palavras dela.

- E a chuva? – perguntou a avó.

- Já diminuiu. Vai passar daqui a pouco – respondeu Manuela, fechando a porta atrás de si.

- Rebeca, porque é que ainda te chateias com a Manuela? És mais velha, tens que ser paciente. –

Aconselhou vovó Rapoi, depois que Manuela saiu.

- Por ser mais velha tenho que lhe deixar se comportar como uma criança? Ela já tem quinze anos, tem que ser mais organizada. – reclamou Rebeca.

As irmãs tinham diferença de dois anos entre si, e tinham sido deixadas pela mãe para viverem com a avó, quando esta decidiu casar e o novo marido declarou que não poderia levar as filhas para a nova vida.

Ao se despedir, a mãe das meninas tinha dito à Rebeca: "Agora tens que ser a mamã das tuas maninhas, para onde vou não posso levar-vos comigo mas confio em ti, sei que tens juízo para tomar conta delas e da vovó. Seja sempre uma boa menina."

Rebeca tinha na altura sete anos e assumiu aquele compromisso à sério, deixando aos poucos de se comportar como uma criança da sua idade e tentando, a todo custo desempenhar o papel de "mamã das manas". Talvez por isso tivesse se transformado na "chata" que a irmã Manuela, sempre lhe lembrava que era.

Cristina que até então acompanhava tudo em silêncio, falou concordando com Rebeca:

- Vovó, Manuela é mesmo desorganizada. Às vezes o quarto cheira mal por causa dela. Mistura roupas sujas com as limpas, e quando já não tem roupas limpas usa as nossas.

- Vocês que são mais velhas o que fazem para ela mudar? – perguntou a avó. – o quarto é vosso, todas são responsáveis por manter limpo.

- Arrumamos todos os dias, mas basta ela entrar parece que passou um vendaval – defendeu-se

Cristina.

- Nós falamos com ela sim, mas ela só discute e arranja justificações. Ou pede desculpas e diz que não vai fazer mais, só para acabarmos com o assunto! - retorquiu Rebeca.

A avó sabia que o que as netas contavam era verdade e que Manuela era bagunceira e desorganizada. Mas mais importante do que dar razão à umas em desfavor das outra, era criar nelas a vontade e necessidade de resolverem as diferenças e encontrarem soluções que beneficiassem à todas e lhes tornassem mais unidas.

- Vejam… o que foi preciso para estarmos a tomar este chá agora? – perguntou a avó.

- Ferver água e colocar folhas de chá. – respondeu Rebeca.

- Sim, mas não é só isso – Continuou vovó Rapoi – para que a água fervesse foi preciso colocá-la na chaleira, e depois levar a chaleira ao fogo e esperar o tempo passar.

Cristina ouvia pacientemente, enquanto Rebeca batia o pé no chão e roía as unhas nervosa por não estar ainda a perceber onde queria chegar a avó.

- Sim, mas estavamos a falar da Manuela. O que tem o chá a ver com ela? – perguntou.

- Tudo Rebeca. Tem tudo a ver. – continuou a vovó, falando sempre pausadamente – A água não teria fervido se não tivesse enchido e chaleira, assim como a chaleira sozinha não teria aquecido sem a intervenção do fogo. A água também não teria fervido se a chaleira não tivesse ficado o tempo necessário no fogo.

- Agora imaginem se tivessemos colocado a água directamente sobre o fogo, o que teria acontecido? Ou a chaleira no fogo sem água no fogo? E se não tivessemos deixado o tempo certo? Perguntas-me

o que tem a ver com a Manuela... tem a ver que vocês devem ver a Manuela como água... ela é instável, ainda não tem forma nem conteúdo. Voces às duas juntas devem decidir o que fazer da àgua. Se quizerem fazer chá, seja Rebeca a chaleira e Cristina o fogo. E deixem o tempo fazer o resto. Porque se não cuidarem da água ela vai correr e espalhar-se por aí, pode até apagar o fogo e enferrujar a chaleira.

Mal a avó terminou de falar, Manuela entrou abrindo ruidosamente o portão e a cantar em voz alta e esganiçada.

" Esta água é bem turva mesmo", pensou Rebeca enquanto olhava para ela com a testa franzida.

- O que foi Rebeca, estou a cantar mal? – perguntou alegremente Manuela ao ver a cara da irmã, enquanto tirava um dos tifiosse na bacia em cima da mesa.

- Bem que podias ir lavar as mãos antes de pegar comida. Sabe-se lá o que andaste a pegar por ai –

resmungou Rebeca.

- Se quiseres posso te contar! – respondeu Manuela, querendo deixar a irmã mais irritada.

Rebeca levantou-se e foi para o quarto. Precisa evitar aquela discussão e era melhor ir estudar, que era bem mais útil.

****

Bateram a porta, e vóvo Rapoi foi ver quem era.

- Bom dia Vovó, como está? – era tia Bia, a mãe das amigas de Manuela.

- Estou bem dona Bia. Entre e sente-se. – convidou a vovó.

Dona Bia era uma mulher baxinha e gordinha, de olhar curioso e cheia de energia e de informações do bairro para distribuir por quem tivesse tempo e vontade de ouvir. Vivia com os três filhos a dois quarteirões da casa de vovó Rapoi, o mais velho dos quais um rapaz, Xitlhango e as meninas gémeas, Ilda e Maria, amigas da Manuela.

- Então? Como vão as coisas? – perguntou a velha, mais concentrada em escolher o amendoim da peneira que estava no seu colo do que na visitante. – Como vai a família? As crianças?

Dona Bia ajustou a capulana na cintura e sentou-se ao lado da dona de casa.

- Haaa lá em casa tudo bem. As crianças estão bem, obrigada. Não sei aqui em casa como estão?

- Aqui estamos bem, nada mal – respondeu vovó.

- Manuela? Como está a nossa amiga?

"Então são sobre ela as notícias de hoje" pensou Rapoi, enquanto respondia:

- Manuela está como sempre. Igual a si própria.

- É verdade vovó, aquela miúda é mesmo especial. Muito divertidas, só que ishhh umm hmm. – começou dona Bia, ligando o modo informante – é muito esperta, demais para a idade dela. Xa lutlha lexiya.

- Mas porque é que está a dizer isso dona Bia? – vovó Rapoi estava a dar corda.

- Então, não é que ontem eu estava a voltar para casa e de looonge

lhe vi com um cigarro na boca, a fumar. Quando me viu meteu o cigarro acesso todo na boca!! Está imaginar isso? Lhe mandei abrir a boca, não tinha nada lá. Ela só pode ter engolido. É o que eu digo, muito malandra aquela. – dona Bia falava e de vez em quando batia a anca com a palma da mão para dar ênfase.

- Dona Bia, está a dizer-me que a Manuela fuma? Ou que lhe encontrou a experimentar fumar? – perguntou vovó Rapoi, não acreditando que a sua neta fosse fumadora. Até porque se fosse, ela sentiria o cheiro do cigarro nela e nas roupas.

- Hiii... do jeito que engoliu o cigarro, só pode ter experiência. Nada não é possível. Engolir cigarro aceso!!? – Já estava de pé e abanava-se toda, como se isso trouxesse melhor compreensão a quem lhe ouvia.

- As suas meninas também estavam a fumar? – perguntou Vóvó, tentando terminar aquela conversa. A resposta inesperada da velha deixou Bia um pouco transtornada. Pegou na ponta da capulana e

passou pela testa, limpando gotas de suor invisíveis.

- yuu, vovó… as minhas crianças nem estavam com ela quando lhe vi. Na verdade há uma coisa que vovó tem que saber. Não é que Manuela seja ainda tão amiga das minhas filhas. Ela só se aproveita delas para convencer xitlango a deixar-lhe andar na mota dele. – Dona Bia parecia um rádio. Não precisava de respostas, contentava-se com acenos de cabeça e simples uhum… – Não sei o que lhe custa ser como a irmã dela Cristina. Sempre bem educada e respeitosa.

Enquanto dizia isso entrou Rebeca, bem séria e cabisbaixa. Murmurou uma saudação e foi para o quarto.

- Esta é outra… arrogante. Pensa que vale mais que nós. Não fala com ninguém, não cumprimenta a ninguém na rua. Nunca vi. – atacou dona Bia.

Vovó Rapoi estava farta de ouvir a vizinha a criticar as netas e disse:.

- A conversa está boa mas tenho que ir cozinhar. Daqui a pouco chegam todos para almoçar.

- Vamos, vou ajudar-lhe. Estas crianças de hoje em dia não fazem nada. Deixar tudo pra senhora fazer sozinha?! – disse a visitante, procurando espaço para continuar a falar.

- Não se masse, chegou Rebeca. Vai me ajudar. Obrigada pela conversa, volte sempre. – disse secamente, abrindo a porta e fechando qualquer espaço para a fofoca continuar.

Quando Manuela voltou foi recebida com varradas de ramo de limoeiro nas pernas. Manuela gritava

“o qué que eu fiz afinal?”. Sem parar de bater a avó falava:

- Afinal… é … isso… que… andas… a… fa…zer…quando… es…tás… ná.. rua?

As silabas seguiam a cadência das varradas. Cristina e Rebeca foram em defesa da irmã. Conheciam bem aqueles ramos. A avó franzina e aparentemente frágil, ganhava uma força de touro com aquela varra na mão.

- Chega vovó. Conta-nos o que aconteceu? – pediram elas.

A avó contou o que dona Bia tinha lhe contado. Manuela estava encostada na parede da sala. Era muito clara, a mais clara da casa, e por conta disso era possível ver nitidamente as marcas vermelhas da varra na sua pele. Fungando e fazendo caretas de dor tratou de se justificar:

- Não estava fumar eu . Este frio que faz agora, quando a pessoa respira da boca sai fumo. Vocês sabem bem disso. Eu disse a tia Bia mas ela não acreditou. Até me mandou abrir a boca. Eu nem chá quente aguento, como vou engolir cigarro aceso.

As três entreolharam-se, a história de Manuela fazia algum sentido mas será que dona Bia iria se enganar tanto?

Tinha passado algum tempo desde a conversa sobre o chá com a avó e desde então Cristina e Rebeca tentavam sempre apoiar a irmã mais nova. E desta vez não foi diferente.

- Mas vovó conhece bem aquela dona Bia. Sempre a meter-se na vida de todos e a deturpar a verdade. – falou Rebeca. Era a única das três que não chamava a vizinha de tia.

- E se isso fosse verdade iriamos sentir o cheiro na roupa – disse Cristina.

- Tá ver? Vovó só me bateu de borla – completou Manuela, feliz.

"Resta saber se essa felicidade é por ter sido reposta a verdade ou por estar a pensar que conseguiu enganar-nos!" pensou Rebeca, como sempre desconfiada.

A reunião familiar foi interrompida pelas batidas na porta. Era uma forma peculiar de bater a porta e todas já sabiam que era Jonas, namorado de Cristina. Enquanto ela abria a porta as irmãs desapareciam para o quarto e a avó para a cozinha.

Jonas era um jovem divertido e falador. Era franzinho de corpo mas forte em argumentos e estava sempre disposto a defender-lhe antes mesmo de saber se ela era ou não culpada, o que lhe fazia lembrar sempre a sua irmã Manuela. Cristina fez questão de apresentá-lo logo as suas irmãs e avó, para evitar encontros às escondidas. Voltava sempre com ela da escola e ficava toda a tarde a conversar com ela e com vovó Rapoi, que gostava dele como o neto que não tinha. Também entendia- se perfeitamente com Manuela. Só Rebeca não gostava dele, achava o seu excesso de simpatia pouco natural e as suas histórias cansativas. E como dizem por ai "os incomodados que se retirem" ela fazia questão de se manter bem longe naquelas tardes animadas de conversa entre Jonas e a sua familia. Invariavelmente ia embora às 18h e então Rebeca reaparecia.

Naquele dia, enquanto Cristina recebia ao namorado, Rebeca tentava conversar com Manuela.

- Agora que estamos só as duas conta-me lá… Era mesmo fumo do frio?

Manuela olhou para a irmã. "Acha mesmo que ela lhe faria alguma confidência? Do jeito que ela é

severa era bem capaz de lhe dar um castigo dez vezes maior que o da avó."

- Claro que era. Achas que sou alguma tola para estragar os meus pulmões? – respondeu Manuela, enquanto deitava-se cuidadosamente na única cama do quarto, evitando a todo custo tocar nos hematomas. Era uma cama casal mais antiga que as três irmãs e mais cansada que vovó Rapoi.

- Poisé! – retorquiu Rebeca, nada convencida. E decidiu que daquele dia em diante a sua missão seria descobrir a verdade sobre os cigarros. Não seria uma missão difícil por além daquela cama, só havia uma cómoda velha de madeira com um espelho e duas gavetas, e três caixas de papelão onde as irmãs arrumavam as suas roupas.

Quando voltou a olhar para a irmã, esta dormia profundamente. Era alta e forte, e pelo jeito que se vestia e cabelo curto poderia facilmente ser confundida com um rapaz. Mas naquele momento, a dormir enrolada sobre si própria parecia tão desprotegida que Rebeca sentiu-se impelida a proteger. Instintivamente puxou a colcha e cobriu Manuela. Minutos depois ela própria caiu no sono profundo e só despertaram quando Cristina veio chamar-lhes para jantar.

***

Naquele dia, ao passar pela casa da tia Bia tinha encontrado as amigas a falaram com alguém que ela não conhecia.

- Esta é a Glorinha, uma amiga nova que vive na jhon – apresentou-lhe Maria.

Manuela não pôde deixar de apreciar a forma como Glorinha estava vestida. Era alta e magra,o rosto bem maquilhado, batom vermelho vivo. Argolas douradas nas orelhas, pulseiras grossas, que Manuela decidiu que eram de ouro, nos dois pulsos, um fio de ouro no pescoço e uma peruca loira. Parecia mesmo uma das artistas de cinema dos filmes que costuma assistir.

- Prazer Glorinha, eu sou a Manuela – respondeu, sem parar de apreciar os detalhes luxuosos de

Glorinha. – Vê-se logo que não és daqui.

- É o que eu estava a dizer as tuas amigas. Eu vivia aqui no vosso bairro há algum tempo atrás. Até conhecer um amigo que me levou para trabalhar numa agência de modelos na África do Sul.

"Logo vi que só podia ser uma dessas, eu é que não tou para aturar isto" pensou Manuela.

- Eu tenho que ir embora pah, a minha avó está a espera de mim e eu ainda tenho que me encontrar com Xitlhango na esquina – disse Manuela despedindo-se.

- Mas Manuela, essa estória da Djhon não te interessou nem um pouco? – perguntou Maria.

- Não... não tenho paciência para desfiles e coisas do género. – respondeu.

- Mas lá não terás necessariamente que desfilar, há outras coisas que podes fazer na agência. Seria uma boa oportunidade para conseguires um bom emprego sem te esforçares nada. – argumentou Glorinha.

A avó sempre lhe dissera com a quinta classe que tinha, o máximo que poderia conseguir era trabalhar como servente.

- Que bom emprego vou conseguir com quinta classe? – questionou, desconfiada.

- Lá na África do Sul consegues, e em menos de três meses estarás mais rica que muitos doutores por aqui. – garantiu-lhe Glorinha.

- Bem, vou bazar. Xitlhango está a minha espera – disse Manuela – Tchau Maria, tchau Ilda, tchau

Glorinha.

E saiu apressada sem olhar para trás, mas aquela conversa não lhe saiu da cabeça.

Seria bom ter seu próprio dinheiro para comprar o que quisesse sem precisar de pedir a avó e justificar para que é que precisava.

Ao chegar a esquina encontrou Xitlhango esperando para lhe levar para casa de mota. Manuela contou-lhe da conversa que tinha tido com Glorinha, do emprego na África do Sul que ia lhe deixar cheia de dinheiro para comprar o que precisasses:

- E para que é que precisas de tanta mola? – perguntou Xitlhango.

- Para comprar uma Harley e não ter que andar sempre a pedir a tua mota. – respondeu Manuela, rindo – pra comprar umas texanas e uns fatos de leda. Tás a imaginar?- continuou Manuela empolgada. – Eu aqui a desfilar nestas ruas, com a minha harley e toda vestida de leda. Es-pe-ctá-cu-lo. – concluiu, movimentado os braços na cadência da palavra.

- Ok, estou a imaginar. Mas é preciso ir a Djhon para teres isso?

- Pelo que entendi da conversa com a Glorinha lá na djhon é que há vida pah!... Vamos lá e em três meses voltamos mais ricos que muitos doutores aqui pá.

Xitlhango não acreditava muito nessa estória de buscar riqueza na África do sul, e retorquiu:

- Vamos pensar melhor. Fala com as tuas irmãs para saber o que elas acham.

"Nem pensar, ninguém lá em casa vai me deixar viajar. Pensam que ainda sou bebé", pensou Manuela.

Olhou para ele, sorriu e disse:

- Está bem. Agora tenho uma ideia… em vez de me dares boleia, que tal me deixares dirigir?

Acho que está na hora de fazer o exame final para ver se aprendi bem o que me ensinaste.

Xitlhango olhou para Manuela muito sério. Ela sempre conseguia dele o que quisesse mas, deixar-lhe conduzir a sua mota era algo muito sério.

- Ainda precisas aprender mais um pouco Manuela. – respondeu Xitlhango com veemência .

- Mas Xitlas pá. Um voto de confiança. – pediu Manuela

Xitlhango lembrou do que Manuela dissera minutos antes "… para comprar uma Harley e parar de pedir a tua mota!" , e decidiu que era melhor deixá-la dirigir. Mal começaram a andar Xitlango se arrependeu da decisão. Além de exceder a velocidade, Manuela decidiu experimentar todos os truques e gincanas que vira na Televisão. Quando pararam na esquina da casa de Manuela, Xitlhango estava mais agarrado à barriga de Manuela do que o próprio umbigo e mal respirava.

- Você é louca mesmo. Nunca mais volto a emprestar-me a minha mota. – disse Xitlhango, descendo da mota muito zangado.

Mal Xitlhango terminou de descer, Manuela voltou a arrancar com a mota, deixando Xitlhango de boca aberta e braços levantados a esbravejar de raiva.

***

Rebeca olhou espantada para um motociclista que andava a alta velocidade e em contramão pela avenida principal, soltando barulhos ensurdecedores pelo escape, ora andando apoiado apenas na roda traseira, ora inclinando na completamente a mota para um dos lados, quase encostando o joelho na estrada, e pensou: "Há